

CBPF-CS-002/90

DISCURSO PROFERIDO NA SOLENIDADE DE ENTREGA DO  
TÍTULO DE PROFESSOR HONORÁRIO DA UNICAMP

por

Leopoldo NACHBIN

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas - CBPF/CNPq  
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150  
22290 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

-1-

Permitam-me recordar alguns eventos pessoais. No primeiro semestre de 1948, obtive o título de Livre Docente em Matemática pela Universidade do Brasil, a atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. No segundo semestre de 1948, embarquei para os Estados Unidos da América para me dedicar à pesquisa durante dois anos na Universidade de Chicago, no primeiro ano como bolsista do Departamento de Estado daquele país, no segundo ano como bolsista da Fundação Guggenheim. Em 1949, passou pela Universidade de Chicago o físico brasileiro Professor Cesar Lattes para pronunciar conferência sobre seus trabalhos na Universidade da Califórnia em Berkeley. Nessa oportunidade, Cesar Lattes informou-me dos planos de se criar na cidade do Rio de Janeiro uma Sociedade civil denominada Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF), da qual passei a ser um dos membros fundadores. Quando regresssei ao Rio de Janeiro no segundo semestre de 1950, tornei-me pesquisador titular do CBPF. Foi a primeira vez que tive uma posição acadêmica condigna no Brasil. Em 1951 o Governo Federal criou o Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), o atual Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (com a mesma sigla CNPq). O primeiro Diretor do Setor de Pesquisas Matemáticas do CNPq foi o Professor Candido Lima da Silva Dias, da Universidade de São Paulo. Em suas vindas frequentes ao Rio de Janeiro onde então ficava a sede do CNPq, Candido Lima da Silva Dias procurava-me para que discutíssemos como desenvolver a Matemática no Rio de Janeiro. Tivemos então a idéia de se criar um centro matemático análogo ao CBPF. Candido Lima da Silva Dias e eu desenvolvemos um trabalho político com tal objetivo junto ao Professor Joaquim da Costa Ribeiro, Diretor científico do CNPq, ao Dr. Arthur Moses, Presidente da Academia Brasileira de Ciências, e ao Almirante Alvaro Alberto da Motta e Silva, Presidente do CNPq. Daí resultou a criação em 1952 do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) como órgão do CNPq no Rio de Janeiro. De 1952 a 1956 dediquei-me intensamente à tarefa da organização do IMPA, o que compreendia suas atividades e sua biblioteca, contando com a valiosa ajuda de Candido Lima da

Silva Dias e de outras pessoas. Em 1956 casei-me com Maria da Graça Nachbin e resolvi ausentar-me do país por dois anos, abrindo mão dessa tarefa de organizar o IMPA para retornar à pesquisa matemática. Passei dois anos nos Estados Unidos da América, sendo o primeiro na Universidade de Chicago como bolsista da Fundação Rockefeller, continuando o segundo ano no Instituto de Estudos Avançados de Princeton, novamente como bolsista da Fundação Guggenheim. Chicago foi de 1956 a 1957 e Princeton de 1957 a 1958. Regressei ao IMPA no segundo semestre de 1958. O meu contato com o ambiente matemático de Campinas iniciou-se em torno de 1960 quando o Professor Ubiratan D'Ambrosio encaminhou ao IMPA os seus alunos Mario Carvalho de Matos e Mauro Bianchini, que haviam terminado o bacharelado na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Passei a ser o orientador acadêmico de ambos no IMPA. No segundo semestre de 1961 voltei a me afastar mais uma vez do Brasil, desta feita por quatro anos. Foi o maior período de minha vida que passei fora do país. Durante dois anos, de 1961 a 1963, fui professor visitante da Universidade de Paris, na França. A seguir, por mais dois anos, de 1963 a 1965, fui professor na Universidade de Rochester, na cidade de Rochester, estado de Nova York, Estados Unidos da América. Nesta oportunidade, consegui que a Universidade de Rochester oferecesse bolsas a Mario Carvalho de Matos e Mauro Bianchini para que trabalhassem para o PhD em seu Departamento de Matemática. Efetivamente Mario Carvalho de Matos foi para a Universidade de Rochester, mas Mauro Bianchini não pode aceitar tal oportunidade por motivos de ordem pessoal e retornou a Campinas. Muito me alegrou a decisão de Mario Carvalho de Matos de optar pelo preparo de sua tese na Universidade de Rochester sob a minha direção, embora essa opção não representasse a minha vontade inicial. Uma vez tendo obtido o seu PhD pela Universidade de Rochester, Mario Carvalho de Matos regressou ao Brasil fixando-se no Rio de Janeiro, onde passou a exercer atividade docente na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Com a criação da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) tendo à sua frente o Reitor Zeferino Vaz, surgiu a possibilidade de nela se desenvolver mais um novo centro matemático importante do país.

Desse esforço inicial participou o Professor José de Barros Neto, que aliás foi o meu primeiro discípulo de doutorado, tendo preparado a sua tese comigo no IMPA para defendê-la na Universidade de São Paulo. José de Barros Neto estava radicado nos Estados Unidos da América e alimentava a esperança de fixar-se no Brasil através da UNICAMP. Não obstante os méritos de José de Barros Neto, mas por motivos que não foram de meu pleno conhecimento, tal tentativa inicial para se implantar a Matemática na UNICAMP não teve um êxito no nível que se esperava, tendo José de Barros Neto deixado mais uma vez o Brasil para retornar aos Estados Unidos. Uma segunda tentativa para se implantar a Matemática na UNICAMP teve início quando o Professor Ubiratan D'Ambrosio tornou-se o Diretor do seu Instituto de Matemática, Estatística e Ciência da Computação (IMECC), o qual hoje é um dos principais centros matemáticos da América Latina. Ubiratan D'Ambrosio havia passado um período prolongado nos Estados Unidos da América, dedicando-se ao ensino, à pesquisa e exercendo também importantes atividades administrativas na área universitária norte-americana, as quais iriam abrir seus horizontes no Brasil acadêmico. Podemos dizer hoje sem hesitação que essa segunda tentativa foi coroada de pleno êxito. Quando regresssei ao Brasil em 1965 após quatro anos no estrangeiro, retornei às minhas atividades no IMPA, onde aos poucos fui encontrando uma oposição crescente à minha pessoa e à minha equipe. Desse modo, a partir do segundo semestre de 1971, por motivos a respeito dos quais prefiro silenciar, resolvi com muito pesar e com meu coração partido deixar o IMPA. No início de 1972 passei a desenvolver minhas atividades como professor titular do Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro a fim de colaborar na implantação do seu programa de pós-graduação e pesquisa em Matemática. Para mim era como começar do zero de novo e, aos meus botões, eu disse que seria minha última experiência no gênero: não era absolutamente meu desejo especializar-me em começar do zero na vida acadêmica. Consegui atrair Mario Carvalho de Matos para esse Instituto de Matemática. Permitam-me retornar um pouco no tempo. Por volta de 1960 foi para o IMPA um jovem João Bosco Prolla, bacharelado pela Universidade Federal do

Rio Grande do Sul. Passei a ser o seu orientador acadêmico no IMPA. Devido ao meu afastamento prolongado do Brasil por quatro anos, o de 1961 a 1965 a que já me referi, encaminhei João Bosco Prolla para a Universidade de Nova York, na cidade de Nova York, nos Estados Unidos da América, com o objetivo dele trabalhar lá para o PhD. Fiquei bastante contente com o fato de João Bosco Prolla ter preferido preparar a tese na Universidade de Nova York sob a minha orientação, não obstante não ter sido esse o meu plano inicial. Uma vez tendo obtido o seu PhD pela Universidade de Nova York, João Bosco Prolla fixou-se no Rio de Janeiro ingressando no IMPA. Com a minha saída do IMPA em 1971, bem como com a saída simultânea de João Bosco Prolla do IMPA, posteriormente consegui também atrair João Bosco Prolla para o Instituto de Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Alguns anos mais tarde, Mario Carvalho de Matos externou-me o seu desejo de deixar o Rio de Janeiro e retornar a Campinas alegando motivos naturais de família. Lamentei muitíssimo tal decisão, mas apoiiei-a plenamente. Foi assim que Mario Carvalho de Matos ingressou no corpo docente da UNICAMP. Algum tempo depois, João Bosco Prolla comunicou-me a sua vontade de deixar o Rio de Janeiro e regressar a Porto Alegre alegando motivos naturais de família. Lamentei igualmente tal decisão, apoiando-a de todo, salvo que procurei modificá-la apenas no seguinte. Sugerí a João Bosco Prolla que, por motivos puramente matemáticos, ele procurasse ingressar na UNICAMP em lugar de regressar à Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Seria uma opção mais sábia do ponto de vista universitário de nosso país. Foi assim que João Bosco Prolla tornou-se membro do corpo docente da UNICAMP. Dada a presença de Mario Carvalho de Matos e João Bosco Prolla na UNICAMP, bem como à abertura administrativa que Ubiratan D'Ambrosio sempre me ofereceu nessa Universidade, passei a desenvolver uma estreita colaboração com a pós-graduação e a pesquisa em Matemática na UNICAMP, inclusive visitando-a diversas vezes para ministrar cursos ou fazer conferências. Retornando mais uma vez no tempo, consegui que João Bosco Prolla passasse um período de três anos como Professor visitante da Universidade de Rochester no início da década de 1970 depois que ele afastou-se do IMPA comigo. Nessa

oportunidade, um jovem chileno, Jorge Mujica, era aluno da Universidade de Rochester como bolsista da LASPAU, tornando-se muito amigo de João Bosco Prolla, o qual finalmente aconselhou-o a trabalhar para o PhD sob a minha orientação na Universidade de Rochester, como de fato ocorreu. Terminando o seu PhD pela Universidade de Rochester, Jorge Mujica retornou a Santiago de Chile como era natural. Como as condições matemáticas e econômicas em seu país não fossem acolhedoras em nível desejado, Jorge Mujica terminou ingressando no corpo docente da UNICAMP através das mãos de João Bosco Prolla e Mario Carvalho de Matos, o que muito me alegrou. Foi dessa maneira um tanto ou quanto imprevisível que me deparei com a agradável surpresa de contar com três dos meus melhores discípulos de doutorado, João Bosco Prolla, João Mujica e Mario Carvalho de Matos (aos quais ora me refiro por ordem alfabética), em um dos mais promissores centros universitários da América Latina, a UNICAMP, trabalhando em um instituto, o seu IMECC, dirigido por Ubiratan D'Ambrosio que sempre me honrou prestigiando-me na medida do possível. Dos meus pontos de vista matemático e humano, tais laços profundos com a UNICAMP foram a fonte de extensa satisfação, inclusive por motivo da realização de três excelentes simpósios internacionais na UNICAMP, dirigidos sucessivamente por Mario Carvalho de Matos, João Bosco Prolla e Jorge Mujica, cujas Atas apareceram na série North-Holland Mathematics Studies publicada pela North-Holland Publishing Company, da Holanda, da qual sou o Editor. No que se refere a essa minha atividade como editor da North-Holland Publishing Company, pude contar com ótimas monografias redigidas por João Bosco Prolla e Jorge Mujica, assim como com uma bem sucedida monografia de autoria de Laurence Young que me foi recomendado por Ubiratan D'Ambrosio na ocasião em que o autor visitava a UNICAMP. Do ponto de vista do crescimento do ensino e da pesquisa em Matemática no Brasil, vi com orgulho o surgimento de discípulos de doutorado na UNICAMP orientados por João Bosco Prolla, Jorge Mujica e Mario Carvalho de Matos. É o aparecimento de meus "netos matemáticos" por assim dizer. O meu relacionamento profissional com a UNICAMP não se ateve aos nomes até agora citados. Não posso ser exaustivo para não me alongar em

demasia, motivo por que apresento minhas desculpas por omissões involuntárias. Verificou-se de maneira profícua um meu relacionamento com membros da área de Lógica Matemática da UNICAMP, área à qual não pertença. Pude oferecer-lhe a minha assistência como editor da Marcel Dekker, dos Estados Unidos da América. Não vou enumerar maiores detalhes de meu antigo, longo e amplo relacionamento com a UNICAMP. A minha satisfação foi excepcional e tais detalhes, alguns relevantes, terminaram ficando esmaecidos pelas sombras do passado. Um fato indiscutível é que a UNICAMP é hoje um dos mais exuberantes centros universitários da América Latina. Não apenas em Matemática, como também em diversas áreas do conhecimento humano puro e aplicado. É um centro universitário a servir de modelo e émulo às demais universidades da América Latina. Giremos agora na direção de outras elocubrações. Em que nível situa-se o Brasil no mundo matemático? Creio não haver dúvida que, na América Latina, o Brasil figura em primeiro plano ao lado da Argentina e do México. Qual dos três países é o melhor em Matemática depende muito da especialidade matemática considerada. De alguns matemáticos estrangeiros famosos, já escutei dizer que é o Brasil, mas de outros que é a Argentina. A verdade nua e crua é que, se considerarmos toda a América Latina como um único país, ainda assim estamos muito abaixo dos maiores centros matemáticos, os Estados Unidos da América, a União Soviética, a França, a Alemanha, a Grande Bretanha, a Itália, a Suécia, o Japão, etc. A partir de 1982 o prêmio internacional mais prestigioso concedido a um matemático latino-americano é o prêmio Bernardo Houssay, que a Organização dos Estados Americanos houve por bem me conceder naquele ano. Em 1989, a Fundação Wolf, de Israel, decidiu conceder o Prêmio Wolf ao Matemático argentino Alberto Calderón. O prêmio Wolf passa a ser a partir de agora o mais honroso prêmio internacional concedido a um matemático latino-americano. Na área dos Congressos Internacionais de Matemáticos e no que diz respeito aos matemáticos latino-americanos, o matemático argentino Luís Santaló foi o primeiro a ser convidado para realizar uma conferência, tendo eu sido o primeiro matemático do Brasil a realizar a convite uma conferência. Por outro lado, o matemático

-7-

argentino Alberto Calderón foi o primeiro a ser convidado a realizar uma conferência plenária. O primeiro matemático latino-americano a se tornar membro permanente do centro de excelência de Princeton, seu Instituto de Estudos Avançados, foi o argentino Luis Caffarelli. Retornemos agora para dentro do Brasil. Sem citar nomes e instituições, opino que o Brasil tem cometido um erro político prolongado em Matemática ao investir somas enormes no desenvolvimento prioritário de uma área, em detrimento de outras áreas igualmente, ou até mesmo mais importantes. A verdade sempre vem à tona. É impossível ocultar com uma peneira. Há vários caminhos que conduzem a Roma. São ditos banais e populares, mas verídicos. Tais lutas por zonas de influência matemática existem também em outros países e fazem parte da natureza humana. Num centro matemático enorme, como o dos Estados Unidos, o qual conheço razoavelmente bem, esses erros na política matemática ficam diluídos pela multiplicidade de chances que os matemáticos possuem em seu desenvolvimento. O que nos consola é que, mesmo aos trancos e barrancos, a Matemática pura e aplicada da América Latina vem ascendendo na pesquisa. Até agora, a maior honraria que me foi concedida no Brasil foi o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Pernambuco, em Recife, minha cidade natal. Passo agora a ter a honra de ser Professor Honorário da Universidade Estadual de Campinas. Dedico minha alegria nesta ocasião à memória de minha esposa Maria da Graça Nachbin, bem como à presença de meus três filhos André Nachbin, Léa Nachbin e Luís Nachbin, assim como a todos os amigos que tanto me ajudaram no país e no estrangeiro. Os meus agradecimentos se dirigem de modo veemente ao Professor Marco Antonio Teixeira, que como Diretor do IMECC da UNICAMP, recomendou que tal título me fosse agraciado, bem como aos Professores Ubiratan D'Ambrosio, João Bosco Prolla, Jorge Mujica e Mario Carvalho de Matos, por tudo que fizeram por mim na UNICAMP, em particular com vistas a esta honraria que me é concedida. A todos da UNICAMP, o seu atual Reitor, os senhores membros do Conselho Universitário e demais autoridades, o meu sincero agradecimento. Termino aplaudindo a UNICAMP e desejando-lhe um futuro cada vez mais brilhante!